

## Repositório ISCTE-IUL

---

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2026-05-06

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Amaro, M. I. (2025). Um dia de verão... In João Pedro Gaspar e Paulo Guerra (Ed.), *O que se passa na infância não fica na infância*. Coimbra: Editora d'Ideias.

Further information on publisher's website:

[https://editoradideias.pt/produto/o-que-se-passa-na-infancia-nao-fica-na-infancia-tomo-ii/?srsltid=AfmBOopXnnWn-z6Tqyt2RtnYimiDi1JXd4beiEXH\\_pgxpj0mQfMNfsju](https://editoradideias.pt/produto/o-que-se-passa-na-infancia-nao-fica-na-infancia-tomo-ii/?srsltid=AfmBOopXnnWn-z6Tqyt2RtnYimiDi1JXd4beiEXH_pgxpj0mQfMNfsju)

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Amaro, M. I. (2025). Um dia de verão... In João Pedro Gaspar e Paulo Guerra (Ed.), *O que se passa na infância não fica na infância*. Coimbra: Editora d'Ideias.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

---

### Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

---

Um dia de Verão...

Finais dos anos 80, início dos anos 90... talvez... Praia dos Três Irmãos. Também nós somos três irmãos, é certamente por isso que “eles” (como sempre nos referimos aos nossos pais) a escolheram para passarmos incontáveis verões; sempre na segunda quinzena de julho.

O toldo era sempre o mesmo e os “vizinhos” da esquerda e da direita também: o primeiro da família Castelo, que mais tarde seria marcada pela tragédia, mesmo ao lado os Benjamins, do outro lado os Boneca... até chegarmos lá ao fundo, onde a família Soares também ia a banhos.

O grupo de todos os anos juntava-se em cumplicidades parceiras; uns ainda meio-meninos, outros em plena adolescência e outros já a entrar na idade adulta. A risota era o timbre dos dias de praia e das noites na Praia da Rocha ou na Marina de Portimão: entre o gelado da praxe por volta das quatro da tarde e uma imperial à socapa nas noites mais quentes, surgiam maratonas de jogos de cartas, conversas sobre o sentido da vida, muitas sobre música, algumas sobre as assolapadas paixões de verão. O auge da temporada era quando havia permissão para ir aos escorregas ou, melhor ainda... um concerto dos Trovante ou uma ida à Horta 2.

Sempre, todos os anos, entre os dias quentes e o mar tépido, surgiam dois ou três dias de vento e bandeira amarela.

Foi num desses dias que resolvemos pedir aos pais dinheiro para alugar uma gaivota. A novidade do ano era os irmãos holandeses, giros e louros, que adoravam estar connosco e nunca tinham experimentado pedalar no mar.

A gaivota dava para quatro, mas íamos pelo menos seis, entre mergulhos de uns e pedalar de outros, o transporte nunca ficava em excesso de carga!

O vento ajudou ao esforço de adentrar para águas um pouco mais fundas e já a praia se via lá ao longe, pequenina. Mergulhos, braçadas, amonas, brincadeiras... o cansaço apareceu e o suporte da gaivota permitia recuperar fôlego... talvez por sermos muitos, a gaivota tendia a deixar entrar água. “Bem, vamos lá dar uma direção a isto!”

A gaivota ficou em sentido paralelo à praia e o vento tratou de nos empurrar para a esquerda, para a zona das rochas dos “três irmãos”. Vamos lá... mas, atenção, estamos a precipitar-nos para cima da rocha... então, pedala! – dizia eu para a minha irmã... mas a gaivota não vira? Vá, vamos lá, porque é que a gaivota tem tanta água?, vá, uns dentro de água a empurrar e outros lá em cima a pedalar vamos evitar a rocha!

Já está! Na praia começam a parar veraneantes a ver... Ufa, vamos lá mas é embora, pensei. Todos nos sentíamos cansados, o vento continuava a levar-nos e tornou-se nesse momento claro para nós que a gaivota não obedecia ao nosso movimento. A praia estava longe, muito longe, começávamos a ter frio... entre frio e medo, acorremos a empoleirar-nos na gaivota e percebemos que estava cheia de água e que era por isso que não conseguíamos controlar a direção.

Desta vez, já estávamos sem forças e a água estava a tomar conta do interior. Entre várias manobras, a gaivota acabou mesmo por virar. Lembro-me de cair à água e de ver a gaivota a vir para cima de mim, mergulhei no último momento e nadei para o lado. Quando emergi, a minha irmã tinha começado a nadar em direção à costa, pretendi segui-la. “Pára, Inês, não

venhas, fica aí e agarra-te à gaivota!” Ela era melhor nadadora, mas sobretudo era a minha irmã mais velha... senti esse lastro protetor, eu sou a mais nova dos três, era quem precisava de maior proteção.

A praia estava muito longe, estava cheia de frio; percebia que a minha irmã acusava cansaço e nem a meio-caminho estava. Dei por mim em unísono com os holandeses a gritar “Help! Help!”.

Nós estávamos em mar alto, mas a praia era já um mar de gente, pequenina, que se aglomerava a olhar.

Finalmente, uma embarcação que levava turistas às grutas prescindiu de mais uma corrida e foi buscar a minha irmã que, exausta já não conseguia avançar mais. O nadador-salvador, noutra embarcação, veio em nosso auxílio, junto à gaivota, e trouxe-nos para terra em segurança.

Ao chegar à praia, sentia um frio inaudito, até ao fundo dos ossos. O meu Pai em desespero desorientado quis ralhar connosco porque nos tínhamos afastado da costa; a minha Mãe deu-me um abraço apertado. Quis conter o choro e furámos a multidão. Afinal, verificou-se que a gaivota estava furada em baixo e que nos foi alugada sem se ter verificado as suas condições de segurança. A partir desse dia, nunca mais uma gaivota foi alugada em praias algarvias sem antes ser levantada para verificação do fundo.

De volta ao toldo, o calor do Sol, mas sobretudo o aconchego da toalha que a minha mãe enrolou em mim foram a nota de que, aconteça o que acontecer, sou amada, sou notada, sou cuidada... o que melhor nos pode aquecer num dia de verão? E o que melhor nos pode preparar para as agruras do inverno?

### Apresentação

Sou a Inês, 49 anos, casada, mãe de três filhos, tenho uma cadela e dois gatos. Sou Assistente Social: professora, investigadora e profissional. Adoro reunir família e amigos à volta de uma mesa confeccionada por mim, nunca estou sozinha porque tenho sempre um livro comigo.

### Fotos

